

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ALUNO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mysllene Gomes do Nascimento ¹
Victor da Penha Mira ²

RESUMO

A inclusão de alunos autistas na Educação Infantil apresenta um cenário multifacetado, que se caracteriza tanto por desafios significativos quanto por possibilidades promissoras. A educação infantil oferece um ambiente rico em estímulos sensoriais e cognitivos, que podem auxiliar no desenvolvimento de crianças autistas e a convivência com a diversidade desde cedo ajuda a construir uma sociedade mais tolerante e inclusiva, onde as diferenças são valorizadas. Um dos principais obstáculos é a falta de conhecimento e preparo de muitos educadores e profissionais, que frequentemente não dispõem de uma formação específica para lidar com as particularidades do autismo. O objetivo deste estudo é refletir sobre a minimização do preconceito e da falta de informação, fatores que frequentemente resultam em atitudes discriminatórias, dificultando a inclusão social e escolar dos alunos autistas. Nesse sentido, é imprescindível combater o estigma e promover a conscientização sobre o autismo, criando um ambiente mais receptivo e acolhedor para esses alunos. A metodologia adotada neste estudo consistiu em uma revisão bibliográfica, com a coleta de dados a partir de livros, artigos e legislações pertinentes. Para a elaboração deste trabalho, baseamo-nos nos estudos de Maria Teresa Égler Mantoan (2023), com a obra *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* No documento Marcos Político-Legais da Educação Especial (MEC, 2010) e na pesquisa de Mayra Gaiato (2018) em *S.O.S. Autismo*. Embora os desafios sejam consideráveis, é possível observar avanços significativos. A tecnologia tem se mostrado uma aliada importante, oferecendo recursos valiosos, como aplicativos de comunicação alternativa, softwares de organização e ferramentas de aprendizado personalizadas, que podem ser adaptados às necessidades dos alunos autistas. Conclui-se que a construção de um futuro mais inclusivo depende do compromisso de toda a sociedade em promover a conscientização, o respeito e a igualdade de oportunidades, criando um ambiente educacional e social verdadeiramente inclusivo para todos.

Palavras-chave: Educação Infantil, Autismo, Inclusão

¹ Aluna Especial do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense UENF - RJ, mysllenegomesdonascimento@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem de Universidade Estadual do Norte Fluminense UENF – RJ, victorpmiranda@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a base para o desenvolvimento integral da criança e representa o primeiro espaço social de convivência formal fora do ambiente familiar. Nesse contexto, a presença de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) coloca desafios à escola e à sociedade, especialmente no que diz respeito à efetivação de práticas pedagógicas inclusivas. A inclusão escolar é mais do que a presença física do aluno com deficiência em sala de aula; é a possibilidade de participação, interação e aprendizagem em igualdade de condições. Segundo Mantoan (2023), a inclusão deve ser entendida como um processo contínuo de transformação das práticas educativas, não apenas como a inserção de alunos com deficiência em escolas regulares.

A justificativa deste estudo fundamenta-se na necessidade de compreender como a Educação Infantil pode se tornar um espaço de acolhimento, desenvolvimento e aprendizagem para crianças autistas, superando barreiras atitudinais e pedagógicas. Ainda há lacunas significativas na formação dos professores e nas políticas públicas que garantam o atendimento adequado às especificidades dessas crianças. A pesquisa parte da constatação de que, no município de Campos dos Goytacazes (RJ), há 81 creches municipais atendendo crianças de diferentes faixas etárias e condições socioeconômicas. Observa-se que o número de matrículas de alunos com TEA tem crescido de forma constante, o que exige da rede municipal estratégias de formação continuada e adaptações curriculares coerentes com a proposta da inclusão.

A síntese metodológica deste trabalho está baseada em uma abordagem qualitativa e exploratória, com o objetivo de compreender as percepções e práticas relacionadas à inclusão de alunos autistas na Educação Infantil. Serão utilizados instrumentos de coleta de dados como questionários aplicados a professores, observações in loco e análise documental de planos pedagógicos das instituições. A síntese conclusiva antecipa que, embora os desafios ainda sejam grandes, o fortalecimento da formação docente, o investimento em tecnologias assistivas e a consolidação de políticas públicas inclusivas podem abrir novas possibilidades para a efetiva inclusão de crianças autistas nas creches municipais.



METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa exploratória, uma vez que busca compreender fenômenos sociais a partir das percepções e experiências dos sujeitos envolvidos (MINAYO, 2014). Essa abordagem permite a aproximação do pesquisador com o campo de estudo, possibilitando análises mais aprofundadas das práticas pedagógicas e das interações no ambiente escolar. O campo empírico da pesquisa compreende as 81 creches municipais de Campos dos Goytacazes (RJ), que atendem crianças de 0 a 5 anos. A coleta de dados está em andamento e envolve a participação de professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares. Os instrumentos utilizados incluem: questionários semiestruturados, aplicados aos docentes, abordando práticas pedagógicas, formação profissional e percepção sobre a inclusão de alunos autistas; entrevistas abertas com coordenadores pedagógicos e diretores, visando compreender as políticas internas de inclusão; observações diretas nas salas de aula, com foco na interação entre as crianças autistas e seus colegas e análise documental dos Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) das creches, com o objetivo de verificar se contemplam princípios da educação inclusiva. Os dados obtidos serão sistematizados por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 2016), possibilitando a categorização das informações em torno de eixos temáticos: formação docente, práticas pedagógicas, interação social e recursos didáticos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Maria Teresa Égler Mantoan (2023) destaca que a inclusão escolar deve ser entendida como um movimento político, ético e pedagógico que busca garantir o direito à educação para todos. A autora afirma que “a escola inclusiva é aquela que reconhece as diferenças e as transforma em oportunidades de aprendizagem” (MANTOAN, 2023, p. 47).



No caso das crianças autistas, esse reconhecimento passa pela reorganização das práticas pedagógicas e pela valorização das potencialidades individuais. A inclusão não se limita a inserir a criança no espaço físico da escola, mas implica em modificar as relações, as metodologias e as expectativas do processo educativo. O *Marcos Político-Legais da Educação Especial* (MEC, 2010) reforça que a escola deve ser um espaço de diversidade, em que o currículo seja flexível e as estratégias de ensino contemplem as diferentes formas de aprender. Assim, o atendimento educacional especializado (AEE) torna-se um direito essencial para o desenvolvimento das crianças com TEA.

A alfabetização das crianças autistas exige metodologias sensíveis às suas particularidades cognitivas e comunicacionais. Magda Soares (2020), em *Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever*, defende que a alfabetização e o letramento devem ocorrer de forma integrada, respeitando o ritmo e o contexto sociocultural de cada criança. A autora enfatiza que “alfabetizar e letrar são processos inseparáveis: um não acontece sem o outro” (SOARES, 2020, p. 32). Essa perspectiva é especialmente relevante para o trabalho com crianças autistas, que muitas vezes apresentam modos distintos de percepção e expressão. A adaptação de materiais didáticos, o uso de recursos visuais e a valorização de experiências concretas favorecem o aprendizado e a comunicação, promovendo uma alfabetização mais significativa.

Mayra Gaiato (2018), em *S.O.S. Autismo*, destaca que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta principalmente a comunicação, a interação social e o comportamento. A autora afirma que “cada criança autista é única, e o processo de desenvolvimento deve ser acompanhado de forma individualizada” (GAIATO, 2018, p. 89). Essa singularidade exige que o ambiente escolar ofereça previsibilidade, acolhimento e estímulos adequados às necessidades sensoriais e emocionais de cada aluno. Gaiato também ressalta a importância da parceria entre escola e família, elemento essencial para o sucesso do processo inclusivo.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo e Elaine Lopez Feijoo (2019), em *Ser Criança: Uma compreensão existencial da experiência infantil*, propõem uma visão sensível da infância como uma fase de descobertas, marcada por experiências simbólicas e afetivas. Para as autoras, compreender a criança é compreender o ser em sua totalidade, considerando dimensões emocionais, cognitivas e relacionais. Essa abordagem contribui



para pensar a criança autista não como um sujeito “deficiente”, mas como um ser em construção, dotado de potencialidades e modos próprios de se expressar no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares desta pesquisa, ainda em andamento, indicam que nas 81 creches municipais de Campos dos Goytacazes há um movimento crescente em direção à inclusão, embora com desafios significativos. A maioria dos professores sentem-se inseguros ao trabalhar com crianças autistas, principalmente por falta de formações específicas. Observa-se o empenho das creches em buscar formação continuada e a adoção de práticas inovadoras, como o uso de tecnologias assistivas e de materiais adaptados. A presença de crianças autistas nas turmas contribui para a formação de uma cultura escolar mais empática e colaborativa, conforme destacam Feijoo e Feijoo (2019). Além disso, a convivência entre as crianças estimula o respeito às diferenças e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A pesquisa ainda está em andamento, mas os resultados preliminares evidenciam que o maior desafio ainda reside na formação dos educadores. Como destaca Mantoan (2023), “a escola precisa se reinventar a partir da diferença, e não apesar dela”. Essa reinvenção passa pelo investimento em políticas públicas, capacitação docente e valorização da diversidade como princípio educativo.

Apesar dos avanços observados, muitos profissionais relatam dificuldades em adaptar o planejamento pedagógico para atender às necessidades específicas das crianças autistas. Essa lacuna demonstra a urgência de promover espaços de formação colaborativa dentro das próprias instituições, onde os professores possam compartilhar experiências e construir coletivamente estratégias inclusivas. De acordo com Soares (2020), o aprendizado se consolida quando o educador compreende o contexto social e emocional de cada criança, ajustando as práticas pedagógicas às suas formas singulares de aprender. Assim, investir em uma formação que estimule a reflexão crítica e a troca de saberes é fundamental para que a inclusão deixe de ser apenas um discurso e se torne uma prática efetiva.



Outro aspecto evidenciado pela pesquisa é a importância da infraestrutura e dos recursos pedagógicos disponíveis nas creches. Materiais adaptados, espaços sensoriais e apoio técnico especializado, e as possibilidades de interação e aprendizagem das crianças com TEA são os principais pontos para serem trabalhados, Gaiato (2018) reforça que a previsibilidade e a organização do ambiente são essenciais para o bem-estar da criança autista, pois contribuem para reduzir a ansiedade e favorecer o engajamento nas atividades. Dessa forma, políticas públicas que garantam investimentos contínuos em recursos materiais e humanos são indispensáveis para o fortalecimento de práticas inclusivas na Educação Infantil.

Além disso, foi possível observar que o envolvimento das famílias exerce papel determinante no processo de inclusão. As creches que promovem encontros periódicos com os pais e responsáveis, para discutir estratégias de acompanhamento e desenvolvimento das crianças, apresentam resultados mais positivos. Essa parceria entre escola e família cria uma rede de apoio emocional e pedagógico, que contribui significativamente para a evolução da criança autista. Conforme afirmam Feijoo e Feijoo (2019), compreender a infância exige reconhecer o valor das relações afetivas e sociais que a sustentam, pois é nesse contexto que a criança constrói seu sentido de pertencimento e identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de alunos autistas na Educação Infantil representa um avanço civilizatório e um desafio pedagógico. O estudo reforça que a verdadeira inclusão ocorre quando a escola reconhece a singularidade de cada aluno e se adapta para garantir sua participação plena. As análises preliminares realizadas nas 81 creches de Campos dos Goytacazes revelam uma rede comprometida com o ideal inclusivo, mas que ainda carece de formação continuada para os professores e auxiliares de turma. Conclui-se que a construção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo depende da articulação entre políticas públicas, formação docente, envolvimento das famílias e compromisso social com a diversidade humana. Como enfatiza Gaiato (2018), “o autismo



não é um obstáculo para o aprendizado, mas um convite para novas formas de ensinar e aprender”.

A formação dos profissionais da Educação Infantil constitui o eixo central desse processo. É preciso investir em programas permanentes de capacitação, que contemplem desde aspectos teóricos sobre o Transtorno do Espectro Autista até estratégias práticas de ensino e manejo comportamental. Mantoan (2023) salienta que a escola inclusiva exige do educador uma postura crítica e criativa, capaz de transformar as diferenças em oportunidades de aprendizagem. Nesse sentido, o professor precisa ser visto como protagonista na construção de uma pedagogia que valorize a diversidade e reconheça cada criança como sujeito de direitos.

Outro aspecto fundamental é o fortalecimento da parceria entre a escola, a família e os serviços de apoio especializados. A inclusão não se realiza de forma isolada; ela depende de um trabalho articulado entre diferentes setores — educação, saúde e assistência social — para garantir o atendimento integral às necessidades das crianças com TEA. Conforme defendem Feijoo e Feijoo (2019), compreender a infância implica reconhecer a criança como um ser relacional, cujas experiências e vínculos determinam seu processo de desenvolvimento. Assim, o diálogo constante entre educadores, terapeutas e familiares favorece uma prática pedagógica mais empática e humanizada.

Por fim, é essencial reconhecer que o caminho da inclusão é contínuo e desafiador, mas também profundamente transformador. A pesquisa em andamento nas creches de Campos dos Goytacazes demonstra que, apesar das dificuldades, há um esforço coletivo em promover um ensino mais justo e acessível. A consolidação de uma cultura escolar verdadeiramente inclusiva depende do engajamento político, institucional e humano de todos os envolvidos no processo educativo. Superar o capacitismo, investir em formações sensíveis à diversidade e valorizar a escuta das crianças e das famílias são passos fundamentais para a construção de uma educação infantil que acolha e potencialize cada sujeito em sua singularidade.



AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder o dom da vida e a dádiva da maternidade. Sou imensamente grata por ter em minha vida o meu filho João, que é minha maior inspiração e o motivo pelo qual luto diariamente para ser uma pessoa melhor, um exemplo de perseverança e de alguém que acredita que o conhecimento é um caminho que nunca deve ser interrompido.

Expresso também minha profunda gratidão aos meus pais, que, mesmo não tendo tido a oportunidade de estudar, sempre me ensinaram o valor do esforço e do valor do estudo. O apoio e o orgulho que demonstram por cada conquista minha são a base da minha trajetória e o combustível que me impulsiona a seguir adiante.

Aos meus alunos especiais, que são muito mais do que especiais — são fonte de luz, de aprendizado e de inspiração. Cada gesto, sorriso e olhar de vocês me ensinam o verdadeiro sentido da dedicação e do amor pelo que faço. Vocês me motivam a estudar, a buscar sempre mais e a acreditar que a educação é capaz de transformar qualquer realidade.

Este trabalho representa mais do que uma realização acadêmica: é a materialização de sonhos, de superação e de amor. Dedico-o àqueles que acreditam na força transformadora da educação e que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também à Secretaria Municipal de Educação de Campos dos Goytacazes pelo apoio institucional e a Direção das 81 creches participantes desta pesquisa em andamento, que se mostram abertas ao diálogo e à construção coletiva de uma educação mais inclusiva.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de; FEIJOO, Elaine Lopez. **Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. Autismo: estratégias e reflexões para pais e profissionais**. São Paulo: Benvirá, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 5. ed. São Paulo: Moderna, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

